

## **O caso do Projeto Porto Maravilha, Rio de Janeiro, Brasil: a criatividade como dispositivo de controle. Uma análise de caso a partir do trabalho de Harun Farocki.**

### **Introdução**

A cidade do Rio de Janeiro está passando por um processo de transformação produtiva que a coloca cada vez mais em uma posição estratégica, como novo motor econômico tanto a nível nacional que internacional.<sup>1</sup> A mudança na representação da cidade, historicamente ligada a um imaginário social e a uma realidade de violência e subdesenvolvimento, torna-se um elemento importante no caminho para o projeto de transformação perseguido através da expansão das políticas neoliberais pelo poder públicos assim como pelos investidores privados. Se por longo tempo São Paulo representou ( e ainda representa ) o maior centro produtivo Brasileiro ( se pense no ABC paulista<sup>2</sup> ) enquanto o RJ representava o centro turístico de referência, nos últimos anos grande ênfase vem se colocando no reforço econômico da cidade do Rio, não apenas como centro turístico mas também como centro produtivo de serviços destinados à cultura, entretenimento e a criatividade. Utilizando o momento de forte marketing urbano ligado à realização de megaeventos ( Copa2014 e Olimpíadas2016)<sup>3</sup> a cidade recebeu uma série de obras públicas e privadas direcionada a uma intervenção que não se limitam a uma remodelagem física da cidade, mas também ( e talvez mais ) econômica e sócio espacial. O fortalecimento de uma lógica de competitividade à custa de políticas inclusivas, ou de iniciativas que possam reduzir a grave existente segregação territorial que caracteriza a cidade, determina uma polarização social entre profissionais ricos e pobres trabalhadores que se reflete na configuração espacial da cidade e que

---

<sup>1</sup> Esta transformação é consequência do empoderamento do Brasil e África do Sul dentro de acordos internacionais, como os BRICS e do IBSA. De acordo com a Declaração de Delhi, "BRICS - Brasil, Índia, China e África do Sul, é uma plataforma para o diálogo e a cooperação entre os países que representam 43% da população mundial, para a promoção da paz, segurança e desenvolvimento em um multipolar, interdependentes e cada vez mais complexo mundo globalizado" ( tradução livre, "<http://www.brics.utoronto.ca/docs/120329-delhi-declaration.html>). De acordo com o site oficial do IBSA (Índia, Brasil e África do Sul) o objetivo do grupo é de "contribuir para a construção de uma nova arquitetura internacional, para dar uma voz unificada dos Estados membros sobre questões globais e para aprofundar os laços entre países em vários setores" ( tradução livre [www.ibsa-trilateral.org/](http://www.ibsa-trilateral.org/))

<sup>2</sup> "ABC Paulista é uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo, parte da Região Metropolitana de São Paulo, porém com identidade própria. A sigla vem das quatro cidades, que originalmente formavam a região, sendo: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C)." [https://pt.wikipedia.org/wiki/Região\\_do\\_Grande\\_ABC](https://pt.wikipedia.org/wiki/Região_do_Grande_ABC)

<sup>3</sup> A cidade do Rio de Janeiro se torna um caso único pelo feito de hospedar dois dos maiores mega eventos do mundo com um intervalo de 2 anos um do outro, determinando um abnorme afluxo de capital interno e externo.

se torna particularmente evidente no caso da área portuária do Rio de Janeiro, atingida pela maior intervenção urbana na cidade, o programa de revitalização urbana chamado Porto Maravilha.<sup>4</sup>

Em uma economia que não se baseia mais principalmente na produção de bens, mas também, e cada vez mais, sobre o consumo de serviços, a cidade criativa parece ser capaz de acompanhar essas transformações econômicas.<sup>5</sup> Produtores disciplinados que fabricavam objetos dentro das fabricas são substituídos por consumidores controlados oferecendo serviços dentro de empresas aonde “os gerentes abundam e os operários tendem a desaparecer” ( Sibila, 2002:36 ). Ao mesmo tempo uma sempre mais intensa exploração do potencial econômico ligado ao turismo, e a uma manipulação lucrativa da cultura, introduzem um valor econômico baseado no consumo cultural e na produção de um novo imaginário urbano. Uma visível consequência é a dotação da cidade de toda uma serie de equipamentos urbanos típicos destes modelos de cidades: museus, galerias de arte, percursos turísticos, bares e restaurantes internacionais em condição de satisfazer os padrões internacionais impostos pelos valores da globalização.

O modelo de cidades criativas levanta, nas cidades do hemisfério norte, fortes críticas por causa da sua implementação através da aplicação de formulas padronizadas que, frequentemente, não prestam atenção aos processos excludentes de desenvolvimento cultural que este modelo produz (Communian, 2011). No caso das cidades do Sul global as criticas são não apenas ao tipo de desenvolvimento cultural produzido, mas também a outros dois efeitos. O primeiro evidencia

---

<sup>4</sup> A Operação Urbana Porto Maravilha, chamada mais comunemente de Porto Maravilha, abrange uma área de 5 milhões de metros quadrados, sediados na área portuária do Rio de Janeiro. A localidade de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apesar da sua locação central com escritórios e centros administrativos localizados em proximidade, registra os menores índices de desenvolvimento humano na cidade. Em acordo com o sito trata-se de “uma ação estratégica e inovadora da Prefeitura do Rio de Janeiro com pleno apoio dos Governos Estadual e Federal. Além de criar novas condições de trabalho, moradia, transporte, cultura e lazer para a população que ali vive, fomenta expressivamente o desenvolvimento econômico da região. O Porto Maravilha também realizará ações de valorização do patrimônio histórico da região, bem como a promoção do desenvolvimento social e econômico da população. Para coordenar o processo de implantação do Porto Maravilha, foi criada a Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (CDURP), empresa de economia mista controlada pela Prefeitura.”

<http://www.portonovosa.com/pt-br/porto-maravilha>

<sup>5</sup> O modelo de "cidade criativa", desenvolvido por Franco Bianchini e Charles Landry (1995) baseia-se na ideia de que a cultura e a criatividade pode ajudar a projetos de regeneração urbana. De acordo com Richard Florida (2002) as "cidades criativas" são caracterizados pela presença de "indústrias criativas" que atraem o que o autor chama de "classe criativa" (2005) e, por conseguinte, apoiar a criação de um "'economia criativa" (2008). O autor afirma que, para atrair esta nova classe social, as cidades devem promover cultura, diversidade e entretenimento, em acordo com a teoria das 3T ( Talent, Technology and Tollerant, Florida 2008)

como a maioria dos investimentos, tanto públicos como privados, são direcionados para o fortalecimento das economias urbanas exclusivamente, ou principalmente, voltadas para a produção de serviços de alta tecnologia e a entrada no mercado local de multinacionais à custa de economias tradicionais, prevalentemente informais, a partir do qual a maioria dos pobres no Sul global deriva seu sustento. Pelo contrario tais formas de sobrevivência econômica chegam a serem reprimidas porque “não aptas” aos padrões de desenvolvimento que querem ser vendidos aos investidores estrangeiros. O segundo problema tem a ver com o significado simbólico que a aplicação do modelo de cidade criativa assume nas cidades do hemisfério Sul aonde a cultura da metrópole está intimamente ligada à ideia de modernidade.<sup>6</sup> Octavio Paz, em conversa com Hannah Arendt, afirma que “A modernização foi considerada unicamente como o acúmulo de riquezas, sendo desprestigiadas todas as outras formas de experiência. Para se dar conta dessa situação, elevou-se a u status científico a expressão “subdesenvolvimento.” Nela se expressava a convicção de que a pluralidade de civilizações e o próprio destino do homem podia se reduzir a um único modelo – a sociedade industrial. Seu uso era ainda mais abusivo quando transportado para a explicação da situação cultural dos países da América Latina, da Ásia e da África.”<sup>7</sup> Neste sentido o cumprimento desta ideia de modernidade e desenvolvimento pesa muito mais nos criativos, nas pessoas que podem aspirar ao ser vistos pelo mundo “lá fora” (assim como muitos dos meus entrevistados definem a Europa ou os Estados Unidos). A domesticação necessária pela construção de uma nova civilização se torna mais aceitáveis e urgente por eles que por aqueles que nem tem o direito de imaginar o que é “lá fora” pelo feito de já estar excluído “aqui dentro.”

Como resultado do curso “Olho Máquina Mundo: explorações estético-políticas a partir do trabalho de Harun Farocki” gostaria focar a minha atenção nas estratégias de controle sobre espaços, territórios e populações, assim como nas dinâmicas de poder ativadas pela aplicação do modelo de cidade criativa na implementação do Porto Maravilha dentro de uma “reflexão estético-política sobre as trajetórias moderna e contemporânea de produção das imagens, dos nossos modos de ver e de fabricar mundos” ( ementa do curso). A partir da minha observação participante das transformações da paisagem urbano dentro do perímetro territorial de intervenção da Operação Urbana Porto Maravilha, assim como através da análise de imagens, slogans e meios informativos utilizados pela Prefeitura dentro dos ilimitados perímetros

---

<sup>6</sup> Sobre o conceito de modernidade e países do hemisfério sul: Mbembe, Nuttel, 2008; Arantes et al, 2000; Canclini, 1995; Hanna Arendt e Octavio Paz 2007; Simone 2004)

<sup>7</sup> Eduardo Jardim 2007, pp18

mediáticos oferecidos pelo internet, pretendo refletir sobre uns tópicos específicos: a forma que historia, memória e identidade são tratadas; a relação com o tempo, a produtividade e por fim a modernidade; as formas de higienização, disciplina controle e autocontrole, que chega a formas de anestesia do individuo e torna evidente o biopoder presente na contemporânea realidade urbana carioca.

### **O Rio de Janeiro, continua lindo?**

Os habitantes da cidade do Rio de Janeiro, a uns anos, convivem diariamente com uma serie de desconfortos que afetam o dia a dia das vidas deles. Além do custo de vida subir sempre mais, a qualidade de vida na cidade esta diminuindo proporcionalmente. Esta realidade afeta particularmente os moradores e usuários da área portuária, nos últimos anos alvo do projeto Porto Maravilha cuja realização tem prazos ligados aos Jogos Olímpicos 2016.<sup>8</sup>

Apesar do numero grande de informações que a Prefeitura e órgãos atuantes em parceria com ela distribuem diariamente através de diferentes paginas online, ou da evidente parceria com o maior veiculo de media oficial, o jornal O Globo, quem quer se aprofundar nas dinâmicas deste processo de transformação vai imediatamente se deparar com a nebulosidade das informações. Parece que o excesso de informações tenha como fim ultimo a confusão do interlocutor.<sup>9</sup> Uma serie de nomes são utilizados de forma alternativa por definir cada programa (ou projeto? ou intervenção? ou operação?) sem uma logica que permita de facilmente criar uma sequencia logica entre ação – conteúdo - responsáveis pela sua implementação seja física que financeira. A única certeza está no feito que a implementação física e o lucro das obras esta nas mãos do cartel de empreiteiras responsáveis pela “reconstrução” do Rio não apenas post Olímpico, mas diria post-post moderno.<sup>10</sup> Soma-se a esta situação o feito que atrás de títulos diferentes as informações continuam se repetindo, sem nem ter atualização, e frequentemente sem ter a possibilidade de

---

<sup>8</sup> Faz parte do Projeto Porto Maravilha o Porto Olimpico que prevê a construção de um hotel cinco estrelas, setor comercial, área residencial e jardins e um Centro de Convenções. Durante as Olimpíadas, um complexo de prédios vai abrigar os centros de Mídia, Principal de Operações, Operacional de Tecnologia, de Distribuição de Uniformes, Principal de Distribuição e Principal de Credenciamento. <http://www.cidadeolimpica.com.br/12162/>

<sup>9</sup> Assim como Virilio diz “Quanto mais cresce o saber, mais aumenta o desconhecido, ou melhor, quanto mais se precipita a informação-numero, mais nos conscientizamos, normalmente, de sua essência fragmentada e incompleta. ( Virilio, 1988:52)

<sup>10</sup> Trata-se das empreiteiras que constituem a Concessionaria Porto Novo: Odebrecht, OAS, Carioca Engenharia. As três são responsáveis pelo 37% (Odebrecht e OAS) e pelo 25% (Carioca Engenharia) da execucao das obras e serviços nos 5 milhões de metros quadrados da Área de Especial Interesse Urbanístico (Aeiu) da Região do Porto do Rio mais varias outras licitações à elas ASSEGNATE ao redor da cidade.

verificar a data de publicação da notícia no site. Esta confusão emerge também das entrevistas com alguns dos empreendedores do Distrito Criativo, que desconhecem várias realidades presentes no Porto, assim como a maioria dos trabalhadores das pré-existentes atividades culturais da região ou moradores entrevistados não sabem da existência e finalidade do Distrito. A impressão é que as pessoas (todas) falam da CDURP como se tivesse se transformado na Prefeitura do Rio de Janeiro (em parte com fundamento, já que vários serviços de responsabilidade da Prefeitura são agora nas mãos da Porto Novo) e o presidente da CDURP como do Prefeito. Di facto a CDURP (e Prefeitura) junto com o Porto Novo são os atores que decidem e que manipulam (atendendo os pedidos dos três níveis dos governos) os “encontros” entre os agentes da transformação do Porto.

### **Historia | Identidade**

Assim como em vários projetos de regeneração urbana ao redor do mundo, também o Porto Maravilha tem ao centro das próprias intervenções a construção de dois museus, um deles com projeto assinado por um arquiteto estrangeiro de fama internacional: o primeiro, o Museu do Rio MAR, foi inaugurado em 2013; o segundo, o Museu do Amanha, foi inaugurado em Dezembro de 2015 no mesmo lugar aonde nos anos noventa tinha que se erguer o muito contestado, e depois vetado, *Guggenheim Museum*.<sup>11</sup> O Museu do Amanha, conforme as práticas típicas deste tipo de intervenções urbanas, tem projeto assinado por o “archistar” espanhol Santiago Calatrava. Francesco La Cecla define estes arquitetos de fama internacional responsáveis por projetos milionários ao redor do mundo como: “Aqueles que têm na cabeça a ideia de transformar a cidade colocando, nas áreas nas quais são chamados a intervir - à convite de governos, associações, museus, públicos e privados - a própria assinatura/marca. Produtores de uma arquitetura pronta para catálogos de exposições e revistas de arquitetura, capaz de agir como uma caixa de ressonância continua do ilustre nome; arquitetura, no entanto, que deixa no chão, na paisagem urbana, “lugares espoliados do lugar” em um excesso de “intenção de vitrine e de

---

<sup>11</sup> Os dois projetos seguem a lógica que Miles (2005:895) descreve em relação à Tate de Londres: “Em uma mistura estranha de elitismo e populismo, Tate mantém um papel de interpretar a cultura visual moderna na seletividade das suas exposições e se apresenta como livres dos aspectos de classe dos museus. Resta, no entanto, um instrumento de reforma liberal, em seus primeiros dias em Millbank tendo oferecido uma educação em gosto e comportamento para as classes mais baixas (Taylor, 1993) e hoje fornecendo acesso gratuito a um ambiente cultural modernizada que pode haver menos sujeitas aos códigos de comportamento, embora o valor para o qual o código atribui coerência pode agora ser o consumo, em vez de educação liberal” (em tradução livre).

plastificação” (vetrinizzazione e plastificazione - em italiano)”<sup>12</sup> ( em tradução livre) coisa que parece ter acontecido também na Praça Mauá que recebeu o museu. Na verdade os dois museus.

O MAR foi o primeiro projeto a ser finalizado dentro da Operação Porto Maravilha, e talvez até por esta razão, acabou concentrando o simbolismo de um espaço de exclusão e violações. A gentrificação que opera no Porto do Rio não é de única responsabilidade do MAR, mas a abertura do museu, dentro do já existente contexto de revolta do 2013 carioca, carregou-se de um peso político.<sup>13</sup> Analisando o processo gentrificatório como um processo visual capaz de encher a paisagem de significados simbólicos, a abertura do MAR, com os seus muros transparentes que separam o andar térreo do museu da rua, tornou clara a existência de um conflito entre classes em relação à pertencimento de um território. Se o MAR tem uma forte referencia à questão da exclusão urbana, parece que o mais recente Museu de Amanha se torna alvo das críticas à negação da memória. A região portuário do Rio de Janeiro chamada de Pequena África<sup>14</sup> tem uma historia particularmente sofrida em relação à escravidão no Brasil, e no mundo, enterrando a maioria dos corpos negros que já colocaram os pés no continente americano. Nas palavras de Ronildo Pacheco “Afeta minha história, e minha consciência histórica, saber que um passado negro é deliberadamente ignorado e destruído, para que um futuro branco classe media seja erigido no lugar, com festa e pompa.”<sup>15</sup> A negação da memória do lugar reflete a necessidade de cobrir um passado que se prefere deixar menos conhecido em nome de um presente (e um futuro) de prosperidade e de civilização. O interesse em fazer desaparecer um passado sombrio atende à venda de um produto ( a cidade ) apresentado com um espetáculo de enorme positividade, indiscutível e intocável. A falta de valorização do passado que não pertence apenas à cidade do Rio de Janeiro mas ao Brasil inteiro, se evidencia nas formas que o do Grupo de Trabalho Curatorial do Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana, criado em 2011 com o objetivo de “construir coletivamente diretrizes para implementação de políticas de valorização da memória e proteção deste patrimônio cultural”,<sup>16</sup> esta trabalhando na região. Na Rua Pedro Ernesto, duas das mais importantes referencia dos estudos e da memória do processo da Diáspora Africana, o Centro Cultura José Bonifácio e o Cemitério dos Pretos Novos, estão parados. O

---

<sup>12</sup> Francesco La Cecla, *Contro l'architettura*, Bollati Boringhieri, Torino 2008

<sup>13</sup> Vídeo sobre o protesto na inauguração do MAR <https://www.youtube.com/watch?v=A790i-YLXTo>

<sup>14</sup> Sobre a Pequena Africa veja-se Roberto Moura, *A Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*, Coleção Biblioteca Carioca, 1995

<sup>15</sup> Trecho de um post de Facebook de Pacheco, graduando em Teologia da PUC-Rio, que autorizou a sua reprodução.

<sup>16</sup> <http://www.portomaravilha.com.br/circuito>

primeiro, depois receber uma obra de reforma, se encontra a dois anos fechado por causa das condições das obras na rua; o segundo se encontra continuamente sem recursos para poder planejar e promover atividades próprias, a não ser aquelas que pontualmente recebem um apoio financeiro do vizinho Museu do Rio- MAR.<sup>17</sup> Mesmo assim os dois espaços culturais são apresentados, seja no site do Porto Maravilha que no Espaço Meu Porto Maravilha,<sup>18</sup> como duas referencia dentro deste contexto de preservação da historia da Pequena África carioca. Dentro desta realidade assistimos ao paradoxo de situações aonde, os mesmos sujeitos que deveriam ser mais autenticamente ligados à preservação do patrimônio histórico e social destes lugares, estão sendo abduzidos pela mesma logica mercantil, de proveito econômico. É o caso não apenas do Circuito , assim como da Pedra do Sal que nos últimos anos mais que um lugar da memoria se tornou uma empresa cultural administrada pelo Quilombo da Pedra do Sal.<sup>19</sup>



Figura 1 Placas informativas das obras do VLT no Centro do Rio ( 2016) foto : Laura Burocco

Observado as imagens de propaganda direcionadas aos cariocas, parece existir uma disfunção entre o presente e o futuro, e uma desconsideração pelo passado. Os trilhos dos antigos bondes com as obras para implantação do novo sistema reapareceram em alguns pontos da cidade. Apesar de declarar “a redescoberta do passado” nada resulta ser feito pela valorização deste

<sup>17</sup> Numa logica de valorização da memória e proteção do patrimônio cultural da região deveriam ser incluídas prioritariamente as entidades que atuavam na área portuária antes da chegada da Operação Porto Maravilha. Neste sentido o Instituto dos Pretos Novos, mais que ter as próprias atividades hospedadas dentro do MAR, deveria receber ajuda financeiro para poder realizar as próprias atividades dentro da própria sede (que existe desde 1995) de forma autônomas, ou usufruir do espaço do Centro José Bonifácio que é referencia na cidade do Rio de Janeiro sobre herança Africana muito antes do MAR e da Operação Porto Maravilha existir.

<sup>18</sup> O Meu Porto Maravilha é um espaço informativo localizado no Porto e gerenciado pela CDURP.

<sup>19</sup> A Pedra do Sal é um monumento histórico e religioso localizado na região portuária do Rio de Janeiro onde se encontra a Comunidade Remanescentes de Quilombos da Pedra do Sal. Foi tombada em 20 de novembro de 1984 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Local de especial importância para a cultura negra carioca e para os amantes do samba e do choro. Pode ser considerada como o núcleo simbólico da região chamada de Pequena África, que era repleta de zungus, casas coletivas ocupadas por negros escravos e forros. Fonte

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra\\_do\\_Sal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_do_Sal)

vestígio urbano da segunda metade do século XIX a meados do século XX.<sup>20</sup> Mais que a redescoberta do passado o que se torna interesse principal da cidade é a sua obra de modernização, que volta a lembrar aquela de civilização do Pereira Passos dos primeiros anos do '900.



Figura 2 As obras na linha do VLT na rua Barão de Gamboa ( esquerda ) – direita Propaganda do Museu do Amanhã, (direita) foto Laura Burocco , 2016

No contemporâneo Rio de Janeiro as pessoas estão vivendo na esquizofrenia de viver numa cidade que é um canteiro de obra muito mal cuidado, o que traz inumeráveis desconfortos, sendo ao mesmo tempo alvo de uma ostensiva propaganda de uma cidade espetáculo, aonde tudo aposta a um futuro de sucesso. Este tipo de propaganda tem sempre uma grande atenção na forma de apresentar os projetos como um benefício ao alcance do cidadão comum, que parece ser o principal destinatário das melhorias pelas quais a cidade está passando. Além desta manipulação populista, que na verdade esconde os reais interesses a serem satisfeitos, (aqueles do mercado e dos investidores privados) a forma de tratar a história confirma a afirmação de Debord segundo a qual “quem vende a novidade tem tudo o interesse em fazer desaparecer o meio de afei-la. O fim da história é um agradável repouso para todo poder presente. É a garantia absoluta de todos os seus empreendimentos.”<sup>21</sup>

### **Modernidade | Produtividade**

Em acordo com o site do Porto Maravilha “Brasil vem apresentando um crescimento consistente nos últimos anos. O Rio de Janeiro dá claros sinais de uma nova dinâmica econômica,

---

<sup>20</sup> Caso existisse uma intervenção neste sentido, não fica ao alcance das pessoas que assim como noticiaram este achado na imprensa deixaram de receber informações sobre os desdobramentos. Veja-se <http://oglobo.globo.com/rio/antigas-linhas-sao-desenterradas-no-centro-durante-obras-para-vlt-16967424>

<sup>21</sup> Debord, 2013, pp178



impulsionada pelos grandes eventos que vão ocorrer na cidade nos próximos anos. A Operação Urbana Porto Maravilha está preparando a Região Portuária, há muitos anos relegada a segundo plano, para integrar este processo de desenvolvimento.” E’ importante analisar qual é a ideia de desenvolvimento que esta atrás da transformação da cidade e quem são os atores e agentes deste desenvolvimento. A Prefeitura do Rio de Janeiro, e os seus maiores investidores, visam à transformação não apenas física da cidade do Rio de Janeiro mas também dos seus cidadãos. O que esta sendo vendido não é apenas um território, mas um *life style* que se adapta mais aos padrões internacionais do mercado global. A área portuária torna evidente a aplicação de uma politica de higienização por parte do Prefeito Eduardo Paes parecida aquela da intervenção urbana promovida no começo do XX século pelo prefeito Pereira Passos, a Reforma Passos tinha como valor maior a ideia de construção de uma civilização nos trópicos. “Além de intervir na funcionalidade do porto tornava-se necessário um grande plano de reforma capaz de modernizar ( civilizar ) a nova cidade que queria se oferecer para quem chegasse de fora seja em busca de trabalho seja em busca de negócios.”<sup>22</sup>

A evidencia da atual fase civilizatória e de higienização pela qual a cidade esta passando para se transformar na vitrine do sucesso econômico através do qual o Brasil esta ( ou estava ) passando é manifesta no reforço à transformação dos hábitos das pessoas, mudanças dos padrões de comportamento que implica uma também mudança de gostos e estética, assim como no policiamento ostensivo ao qual os cidadãos aceitam de ser submetidos.



Figura 3 Propaganda do Metro Rio, Verão 2015

<sup>22</sup> André Nunes de Azevedo, 2003

Da mesma forma que os *favelados* carioca precisam se adaptar aos padrões de comportamento considerados “civilizados” pela zona sul da cidade, os habitantes da zona sul da cidade precisam cumprir os parâmetros estéticos e de consumo considerados apropriados para ser “suficientemente modernos” por ser aceito no “circuito global.” Porque as atividades dos criativos são as mais ligadas aos fenômenos de consumo (e das modas) os mesmos acabam ainda mais sendo submetidos a estas imposições. Não surpreende que no meu trabalho de campo seja na África do Sul que no Brasil, o feito de ser europeia e de ter um perfil “internacional” ajudou na marcação das minhas entrevistas. Frequentemente durante as entrevistas os entrevistados fazem referencia a um mundo “lá fora” – já mencionado precedentemente – aonde o fora esta se referendo à Europa ou Estados Unidos.



Figura 4 Imagem do Centro de Operação do Rio no interno do Espaço Meu Porto (foto Laura Burocco – direita ) – Capa da revista Exame, 2015 ( esquerda )

Além da exibição de canos de fuziles nas janelas dos carros da policia (com um claro objetivo intimatório) ter voltado a ser normalidade pelas ruas da cidades depois uma época que este fenômeno tinha diminuído, uma vigilância ostensiva através do utilizo de câmeras esta também se tornando norma. O Centro de Controle de Operações CCO da Região Portuária, gerenciado pela Concessionária Porto Novo, monitora os 5 milhões de metros quadrados da operação urbana Porto Maravilha com 290 pessoas e 78 câmeras distribuídas (segundo o Espaço Meu Porto ) por pontos estratégicos funcionando 24h por dia, 7 dias por semana, atuando em parceria com o Centro de Operações da Prefeitura do Rio, que monitora toda a cidade. Segundo o site do Porto Maravilha “Além dos funcionários em campo e das 55 câmeras,<sup>23</sup> as informações também vêm da

<sup>23</sup> A confirmação da falta de atualização nas informações e na dificuldade de ter informações de comprovada veracidade

população, que entra em contato com a concessionária por telefone gratuito que recebe em média 30 ligações com pedidos, sugestões e reclamações por dia (0800 8807678).”<sup>24</sup>

Se é verdade que o numero de casos de violência estão aumentando na cidade, existe também uma certa vontade em alimentar o medo do outro ao fim de justificar formas de controle da vida cotidiana das pessoas cuja aplicação ( e aceitação ) esta sendo sempre mais comum na cidade.<sup>25</sup> Nas favela se justifica a ocupação militar, por parte do exercido, para depois amenizar com a entrada da policia pacificadora UPP que (supostamente) pacifica o território com uma intervenção não apenas armada mas também social (UPP Social).<sup>26</sup> No Porto se requer câmeras do CCO para relevar a presenca de comportamento não apropriados para quem frequenta o território à venda “Porto Maravilha.” Estas câmeras observam os padrões corporais das pessoas e pretendem capturar um índice por vir de um comportamento reconhecido como irregular. O fim ultimo delas é aquele de perseguir a manutenção do ordem social através de territórios homogêneos mais facilmente controláveis, a partir de critérios que define a irregularidade não mais na base de um parâmetro criminal, mas por um parâmetro comportamental e estético, que claramente subintende um índice econômico.

---

<sup>24</sup> Segundo o conceito de Janet Jacobs dos “olhos da rua” que defende que a manutenção da segurança não é feita apenas pela polícia, que também é necessária,[...] mas pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados. (Jacobs:1992).

<sup>25</sup> Fenômeno recente mas sempre mais comum a segurança privada cresceu 74% no Brasil e, graças aos megaeventos previstos até 2016, deve aumentar em 15% ao ano. No Rio, as contratações previstas devem alcançar de oito a dez mil profissionais em quatro anos.

<http://extra.globo.com/emprego/capitacao/setor-de-seguranca-tera-dez-mil-vagas-ate-2016-saiba-onde-se-qualificar-7426701.html>

<sup>26</sup> Na realidade os casos de violência policial registrados em favelas cariocas que recebem as UPPs chegaram a um numero tal de levantar duvidas sobre o efetivo funcionamento desta forma de policiamento.



Figura 5 Museu do Amanha, Rio de Janeiro 2016 ( foto Laura Burocco) - Empty Dream, Mariko Mori, 1995 ( fonte: <http://nomi.tokyotelephone.com> )

A cidade olímpica alimenta o sonho do carioca de ser parte daquela sociedade global de “creative” “visionary” “exigent” “passionate” people. Na própria tradução portuguesa estes são os mesmos adjetivos utilizados varias vezes nas propagandas dos sites da Prefeitura e dos empreendedores, assim como nos discursos públicos do Prefeito.<sup>27</sup> Assim como, alimenta o sonho dos governantes e investidores de transformar o Rio de Janeiro numa “exciting” “inspiring” “modern” “lovely” “unique” “24/7” “successful” “safe” city. Estes slogan vazios se repetem nos sites de projetos de regeneração urbana ao redor do mundo. Quando utilizados em projetos de revitalização urbana de metrópoles do Sul se tornam não apenas vazios assim como perigosos incentivos à perpetuações de segregação sócio espaciais aonde os pobres são expulsos da cidade e os ricos se fecham dentro de ilhas de consumo. Na hora que o Brasil esta passando por uma grave crise econômica e politica, e que na cidade do Rio de Janeiro o custo da vida está sempre mais

---

<sup>27</sup> veja-se como exemplo os vídeos: Columbia Global Debates: Future Cities <https://www.youtube.com/watch?v=Bd4keSsupmI> ou Rio Innovation Hub MOU Signing Ceremony <https://www.youtube.com/watch?v=cu5wnS4j-6Q>

insustentável e o nível de precariedade do trabalho e de carência de recursos sempre mais graves, continua-se alimentando uma visão distópica de uma realidade aonde o homem não é mais apenas o homem confinado, mas se torna também um homem endividado. Talvez este seja o real sentido da modernidade, o compartilhamento global das alienações que afetam sempre mais o indivíduo.



Figura 6 Campanha Publicitaria da Companhia Aérea Air France nas ruas do Rio ( 2014) - Anuncio de oferta de bolinho num bar do Centro (2015) – fotos: Laura Burocco

O acesso ao credito que esta sendo sempre mais impulsionado por vários bancos brasileiros, tem como resultado o feito que muitas pessoas, por poder comprar “como a realeza em Paris”, utilizam cartões de créditos geradores de juros caríssimos. Neste processo de empréstimo as pessoas acabam se endividando e colocando a própria vida dentro de uma relação entre devedor e credor que como Lazzarato (2015) diz “lembra a última definição de poder de Foucault: uma ação que mantém como “súdito livre” aquele sobre quem ela é exercida.<sup>28</sup> Esta atitude remanda àquela do espectador que Farocki , citado em Didi-Huberman (2012:2) , descreve: "Se os espectadores", diz, "não quer ter qualquer responsabilidade para os efeitos do napalm, que poderia assumir a responsabilidade sobre a explicação do seu uso?" ( em tradução livre ).

---

<sup>28</sup> Segundo Maurizio Lazzarato (2015) “A sucessão de crises financeiras levou ao aparecimento de uma figura subjetiva, que agora ocupa todo o espaço publico: a do homem endividado. Pois o fenômeno da dívida não se reduz as suas manifestações econômicas. Ele constitui a pedra angular das relações sociais em regime neoliberal, operando uma tripla desapropriação: a desapropriação de um poder político já fraco, concedido pela democracia representativa; a desapropriação de uma parte cada vez maior da riqueza que as lutas passadas tinham arrancado da acumulação capitalista; e a desapropriação, principalmente, do futuro, quer dizer, da visão do tempo que permite escolhas, possibilidades.”

## O que torna possível este processo?

Através da alimentação de um imaginário de consumo ( até sem fundamento ) o marketing se torna um instrumento de controle social manipulando não apenas os desejos mas também as aspirações das pessoas. Tende-se sempre mais “à criação de uma consciência sem margem e sem fundos em que a inquietação dos seres individuais se apaga por dar espaço a uma consenso imposto da uma coalizão de atores dominantes, unidos no interesse comum de criar uma imagine síntese única da cidade: aquela criativa”( Sanchez:2010).



Figura 7 Site da Cidade Olímpica <http://www.cidadeolimpica.com.br> – e do Projeto VisaoRIO500 <http://www.visaorio500.rio>

Depois de ter sido uma das cidades sedes da Copa em 2014 o Rio esta se preparando por hospedar este ano (2016) as Olimpíadas. O Site da Cidade Olímpica- administrado pela Prefeitura – cada dia apresenta novos vídeos promocionais que descrevem as transformações e melhorias pelas quais a cidade esta passando e o projeto Visão Rio 500 foi lançado no dia 17 de Agosto de 2015 na Praça Mauá.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> E' curioso como a primeira semana de Agosto de 2015 foi uma semana particularmente ativa pela CDURP e pela Prefeitura do Rio de Janeiro. No dia 1 de Agosto foi inaugurado o Distrito Criativo no MAR. Nos dias 15 e 16 de Agosto foi organizada ( CDURP junto com a Secretaria de Habitação SMH ) a Conferencia do PHIS-Porto (Plano de Habitação de Interesse Social) no Armazém da Utopia e no dia seguinte, 17 de Agosto o lançamento do Projeto VisaoRIO500 na Praça Mauá. Interessante relevar a falta de publicidade destes eventos, cuja presençia dependia de uma seleção de convite operada pela

O Projeto Visão Rio 500 tem por objetivo realizar o planejamento estratégico até 2065 – concentrando-se neste momento no próximo ciclo de quatro anos. O Projeto, que prevê a consulta pública através do Conselho da Juventude e do Conselho da Cidade se divide em 3 fases e será apresentado em Março 2016. Existem pelo menos dois elementos que podem levantar dúvidas sobre a efetiva vontade do projeto de se definir como participativo: a exclusão de quem não tem acesso ao internet ou não domina ferramentas de participação mediáticas e a duração da consulta. Tendo sido lançado em Agosto 2015 e tendo previsão de ser apresentado em Março 2016, significa que a consulta publica para o plano estratégico da cidade pelos próximos 4 anos teve uma duração de 8 meses do momento do seu lançamento até a sua apresentação. “O projeto Visão Rio 500 só acaba em 1º de março de 2016, mas a plataforma colaborativa está chegando ao fim com muitos sonhos para a Cidade Maravilhosa! Entre Agosto e Novembro a população se engajou na iniciativa de pensar sobre o Rio dos próximos 50 anos e enviou 1.420 sonhos para o [www.visaorio500.rio](http://www.visaorio500.rio). Muita gente acessou, conheceu, curtiu e votou nos melhores, que receberam um total de 2.407 votos. E para concretizar os sonhos escolhidos, foram inscritas 117 propostas de projetos para a cidade, que receberam 459 votos.” Por uma cidade que conta cerca de 8 milhões de habitantes uma participação de 1420 sonhos ou de 2407 votos por 117 propostas não pode com certeza se definir de representativa.

De novo volta a velocidade nas decisões, a inacessibilidade nas informações, e o bombardeio do marketing online criado para cobrir a falta de compartilhamento de um efetivo processo de *policy making* da cidade. Continua o site “A formulação da Visão e do Plano Estratégico também contará com o auxílio de especialistas em assuntos importantes para a cidade” aonde não surpreende que os especialistas sejam os agentes econômicos indicados pela Prefeitura e pela CDURP mais que o comum cidadão residente, ou utente do porto.

---

Prefeitura em conjunto com a CDURP. Mais interessante ainda é constatar a falta de conhecimento do lançamento do Distrito, assim como do Visao500, por parte das pré-existentes entidades culturais que trabalham no Porto. Assim como ninguém do Distrito Criativo foi chamado a participar da Conferencia do Plano de Habitação de Interesse Social apesar de ter um GT titulado “Provisão de Equipamentos Comunitários e de Inclusão Sócio Produtiva” cuja finalidade era aquela de discutir possibilidade de impulsionar atividade produtivas na área. Se realmente – como indicado no site do Porto Maravilha - a “Operação urbana é uma ação estratégica e inovadora da Prefeitura do Rio de Janeiro com pleno apoio dos Governos Estadual e Federal. Além de criar novas condições de trabalho, moradia, transporte, cultura e lazer para a população que ali vive, fomenta expressivamente o desenvolvimento econômico e cultural da região” parece pelo menos curiosa a falta de aproveitamento de uma sequencia de eventos tão valiosos por o futuro crescimento econômico e cultural da área.

Existe um desvio nas formas de tratar as informações e a participação no internet, assim como uma manipulação da experiência corporal de quem procura informações no Espaço Meu Porto Maravilha localizado no perímetro da Operação Urbana. O Espaço foi criado como uma resposta por parte da Prefeitura as criticas pela falta de informações sobre as obras previstas no projeto e vem assim apresentado no site do Porto Maravilha “Em 283 m<sup>2</sup> a sala da exposição interativa explora o conteúdo usando alta tecnologia de forma inovadora e intuitiva. Na maior tela multitoques do Brasil, com 22 metros, o visitante acessa o conjunto de transformações da região por meio de mapas, infográficos, fotos e vídeos das obras e perspectivas futuras. As ações são apresentadas por temas, como sistema viário e meio ambiente. O software da grande tela contém uma camada de partículas gráficas dinâmicas que acompanha os movimentos do visitante.”



Figura 8 Espaço Meu Porto Maravilha - [http://www.portomaravilha.com.br/meu\\_porto](http://www.portomaravilha.com.br/meu_porto) ( fotos Laura Burocco )

Utilizo a experiência no Espaço Meu Porto Maravilha como um exemplo de bio-poder exercitado sobre os visitantes a partir da manipulação dos estímulos que as condições do espaço causam nas respostas sensoriais do espectador. A temperatura da sala é muito baixa, assim como a luminosidade é reduzida tornando possivelmente desagradável a permanência no espaço por muito tempo. Segundo Virilio o corpo reage de forma foto-sensível assim como vem influenciado pela velocidade das imagens e das ações “o manejo desta materialidade e imaterialidade da luz sobre os corpos é vinculado a manipulação da vida”(Virilio, 2000).

Da mesma forma existe no espaço uma continua chamada à mobilidade, à inovação, à modernidade à qual é dada ênfase através da velocidade com que as imagens são reproduzidas. Na maior tela multitoques do Brasil as informações, além de ser limitadas, passam tão rápidas de não deixar o tempo de armazená-las e se, por querer refletir sobre elas, paramos as imagens informativas estaremos forçados a voltar cada vez ao ponto de começo num movimento que lembra uma punição de um jogo de tabuleiro. Tudo isto determina uma justificada desistência na possibilidade de usufruir das informações da tela assim como acontece nas duas mesas temáticas.



Evidencia-se portanto como as imagens, e as formas que estas imagens são apresentadas, direciona a forma de ver ( e pensar ) das pessoas dentro mecanismos de poderes exercitados sobre as subjetividades. Indivíduos continuamente atingidos por imagens, mas que na verdade conseguem ver muito pouco dentro dos inumeráveis mecanismos que especialistas e técnicos criam para dirigir o olhar deles. O resultado é a criação de uma audiência domesticada, autônoma e passiva. Impressiona também ver como os mediadores, principalmente estudantes universitários em cumprimento de estágio, descrevem os conteúdos do espaço selecionando o que pode, ou não pode, ser comentado. Em uma conversa particular com um dos mediadores, ele me relatou como funcionários da CDURP vão secretamente ao espaço para vigiar as informações do projeto que eles apresentam ao público e que já aconteceu que mediadores flagrados levantando críticas ao projeto foram removidos do estágio. A interatividade do espaço parece ser portanto uma técnica utilizada para desviar a atenção do visitante do acúmulo espetacular de informações duvidosas.

Além desta constante manipulação das imagens e desvio da atenção dentro da análise do caso do Porto Maravilha é importante voltar a refletir sobre os efeitos da transformação física do território consequente a passagem de um trabalho prevalentemente manual e que implica relações humanas ( mecânicos, artesãos, restaurantes ou bares, lojas de vendas à detalhe) por um trabalho sempre mais técnico computadorizado e por fim desumanizado. O que mais alerta no contemporâneo Rio de Janeiro não é nem mais o custo da vida quanto os efeitos destas transformações nas vidas humanas a partir de primárias necessidades básicas de sobrevivência (moradia e trabalho ) até formas de vida ( lazer e aspirações ). A brutal transformação físico e social da área portuária lembra o que Farocki remarca citando Heidi e Alvin Toffler (2003:18) “existe uma necessária correspondência entre a tecnologia da produção e a tecnologia da destruição” ( em tradução livre ). Apesar do Farocki fazer referencia à alta produtividade manufatureira durante a época de segunda guerra mundial, os efeitos destrutores da economia local a seguido da implementação da nova economia criativa no porto de Rio, tem efeitos parecidos nas vidas de algumas pessoas antigamente moradoras e trabalhadoras na área portuária.

Se existe uma passagem da sociedade disciplinares (Foucault:1999) à sociedade de controle (Deleuze:1990) estamos agora assistindo a passagem do controle ao autocontrole. Através de

tecnologias de bio-poder se produz um autopolicamento que acabam produzindo “um novo corpo domesticado, adestrado, cuja única atividade é a sua induzida submissão ao controle.”<sup>30</sup>

Se a disciplina era imposta dentro das instituições cercadas, o controle não precisa mais de um espaço fechado porque age em todos os lugares através de consumidores controlados.

No caso do Rio de Janeiro e da sua transformação produtiva me parece que a disciplina (mais cobrada por dentro, em relação à realidade local) e o controle (mais cobrado por fora em relação aos padrões internacionais) andam juntos. Os *favelados* se disciplinam para atender os parâmetros da Zona Sul, os criativos se controlam (e autocontrolam) para produzir e consumir como o mercado global requer. “Se é fato que tanto o agente quanto o ator estão ligados ao agir, também é fato que o que os move, o ponto de partida, tem sentidos diferentes. [...] Aos atores relaciona-se o agir como fonte de um processo; a eles são atribuídas capacidades e intenções. Ao falarmos em atores, estamos nos referindo a jogos de poder, relações de força que põem em disputa conhecimento e estratégias, que constroem encadeamentos sociais e políticos. Os agentes, embora também se realizem no âmbito do agir, são passivos no que tange à definição de intencionalidades” (Ferreira, 2014:9). O que me interessa questionar é se os criativos cariocas, “vítimas” de uma verdadeira obsessão pela identidade moderna, podem ser considerados atores ou não sejam mais simplesmente agentes passivos, eles mesmos manipulados por quem efetivamente detém o poder (os três níveis de governo, a CDURP etc).

Bourdieu,<sup>31</sup> citado em Ferreira, diz “Os agentes são indivíduos considerados na prática e imersos na ação, agindo por necessidade.” A falta de reflexão crítica por partes destes agentes pode ser vista também como uma das razões da incapacidade deles de se empoderar dentro do próprio papel de transformação sócio produtiva. Em resposta à minha pergunta se eles se sentem de ter um papel na transformação que está ocorrendo na área portuária, muitos deles – e não por falsa modéstia – respondem que não. Que eles estão pouco fazendo. Também a relação que eles têm com a CDURP está longe de ser uma relação horizontal, ou de mútua colaboração aonde cada um é reconhecido pela própria parte. As relações são tendencialmente positivas, mas se percebe por parte dos agentes criativos uma certa dependência da CDURP e uma crítica mais revolta à Prefeitura a confirmação, mais uma vez, da confusão existente entre os vários atores da Operação Porto Maravilha. Os agentes criativos do Distrito do Porto parecem estar na mesma situação descrita por Rancière, quando afirma “a situação dos quem vivem na sociedade do espetáculo é a

---

<sup>30</sup> Paula Sibila, 2002:36. Veja-se também: Negri e Hardt: 2003

<sup>31</sup> Bourdieu, Pierre. Méditations pascaliennes. Paris: Seuil, 1994, pp 69

mesma dos prisioneiros amarrados na caverna platônica. A caverna é o lugar aonde as imagens são tomadas por realidade, a ignorância por saber e a pobreza por riqueza. E quanto mais os prisioneiros ( *os agentes* ) se imaginam capazes de construir de outro modo sua vida individual e coletiva, mais se enleiam na servidão da caverna ( *os atores* ).”<sup>32</sup> Quanto mais os agentes criativos cariocas se acham criadores da própria “*passionate*” “*visionary*” *life* padronizada dentro dos standards internacionais, quanto mais na verdade estão cumprindo o que a Prefeitura e a CDURP manda eles cumprirem pelo retorno econômico de pouquíssimos atores efetivamente detentores do poder nas três esferas do governo e das altas finanças.

A manipulação dos “agentes transformadores” por parte de quem efetivamente detém o poder nas decisões transformadoras não é novidades. Em 1964, na elaboração de um projeto de regeneração da área portuária dos docks Londrinos (a mesma área que foi transformada pelas Olimpíadas do 2012), o arquiteto Cedric Price e o diretor de teatro Price Littlewoo montaram um grupo de trabalho chamado *Cybernetics Group*. Em uma carta direcionada a Price Littlewoo escreve (citado em Iles): “Nós podemos até certo ponto controlar essas transformações, embora, neste caso, nós e os nosso atos agem como catalisadores e a maior parte do cálculo é feito como um resultado da interação que ocorre entre membros da população, seja pelo discurso verbal, ou por cooperação para alcançar um objetivo comum. O paradigma para o controle de tal população é o amadurecimento de uma criança, a interação sutil de ação e da linguagem existente para produzir pensamento, e o desenvolvimento de significado para controlar a ação na sociedade.”<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Rancière, 2014

<sup>33</sup> Anthony Iles - *Legislating for Enthusiasm: from Fun Palace to Creative Prison*, pp4



Figura 9 Placa de obras da Prefeitura no Centro do Rio de Janeiro, 2011. Foto Laura Burocco

“A antiga maquina de guerra ( o estado) tende a se transformar numa maquina de paz total de pacificação absoluta.”(Virilio, 1988:51). “A atitude que por principio ela exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência” assim como Debord (xx) remarca “Nos lugares aonde a base material ainda esta ausente, a sociedade moderna já invadiu espetacularmente a superfície social . Ela define o programa de uma classe dirigente e preside sua formação.”

No caso da cidade do Rio de Janeiro, historicamente marcada por uma divisão social que se reflete no seu território a implementação das obras da Operação Consorciada Porto Maravilha determina uma mudança estrutural da paisagem impregnada de implícitos significados simbólicos de exclusão através não apenas da mudança física mas da definição de novas normas de vida social. Os pobres são sempre mais isolados, cercados e silenciados através do favorecimento da criação de enclaves urbanas cujos muros não são mais físicos, como os que existem no bairro da Barra da Tijuca, mas simbólicos, sutis, traçando linhas de pertencimento econômico e estético. Assim como Yúdice afirma “nunca como antes o papel da cultura se expande à esfera politica e econômica”<sup>34</sup> assumindo a função de um amortecedor de conflitos próprios da condição urbana, se tornando uma ferramenta de ( forçada ) coesão social construída entorno de elementos de falsa tolerância e de homogeneidade.

### **Bibliografia**

Arantes O., Vainer, C., Maricato, E., (2000). A cidade do pensamento único: desmanchando consensos, Petropolis, Vozes;

Bianchini, F., Landry C., 1995. The Creative City, Demos, London;

Bourdieu, P., 1994. Méditations pascaliennes. Paris: Seuil, 1994, pp 69

Canclini, Garcia N., (1995). Consumidores y ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización. México: Grijalbo;

---

<sup>34</sup> Yudice:2013

Comunian, R., (2011). 'Rethinking the Creative City: The Role of Complexity, Networks and Interactions in the Urban Creative Economy.' *Urban Studies*, 48, pp. 1157-1189;

Debord, G., 1992. *A sociedade do Espetáculo*, Contraponto Editora;

Deleuze, G., 1990. Post-scriptum Sobre as Sociedades de Controle, in *L'Autre Journal*, no 1, maio de 1990, e publicado em *Conversações*, 1972 – 1990; [http://www.portalgens.com.br/filosofia/textos/sociedades\\_de\\_controle\\_deleuze.pdf](http://www.portalgens.com.br/filosofia/textos/sociedades_de_controle_deleuze.pdf)

Didi-Huberman, G., 2013. *Cómo abrir los ojos*, in *Eterna Cadencia* <http://blog.eternacadencia.com.ar/archives/30214> ;

Farocki, H., 2003. *Phanton Images* Text based on a talk delivered at ZKM, Karlsruhe, Germany [http://monoskop.org/images/f/f8/Farocki\\_Harun\\_2004\\_Phantom\\_Images.pdf](http://monoskop.org/images/f/f8/Farocki_Harun_2004_Phantom_Images.pdf) ;

Ferreira, A., 2014. *Metropolização do Espaço, Tensões e resistências: entre espaços de controle e controle do Espaço*. Scripta Nova. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales*, no 493(55);

Florida, R., (2002). *The Rise of the Creative Class*. New York: Basic Book

\_\_\_\_\_ (2008). *Who's your city? How the creative economy is making where to live the most important decision of your life*, New York: Basic Book;

Foucault, M., 1999. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, ed. Petrópolis: Vozes;

Foucault, M., 2001. "Le sujet et le pouvoir" [O sujeito e o poder]. In: *Dits et écrits [Ditos e escritos]*, volume IV, Gallimard, Paris;

Jacobs, J., 1992. *The Death and Life of Great American Cities*, Vintage Books New York;

Jardim, E., 2007. *A Duas Vozes Hannah Arendt e Octavio Paz*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro;

Hardt, M., Negri A., 2003. *Impero*. BUR Universale Rizzoli, Milano;

Iles, A., (). *Legislating for Enthusiasm: from Fun Palace to Creative Prison* <http://www.arcade-project.com/sacrifice/Legislating%20for%20Enthusiasm.pdf> ;

La Cecla, F., 2008. *Contro l'architettura*, Bollati Boringhieri, Torino;

Lazzarato, M., 2015. *A era do homem endividado - Le Monde Diplomatique Brasil* <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1108> ;

Miles, M., 2005. *Interruptions: Testing the Rhetoric of Culturally Led Urban Development*, *Urban Studies*, Vol. 42, Nos 5/6, 889–911;

Moura, R., 1995. *A Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*, Coleção Biblioteca Carioca;

Nunes de Azevedo, A., 2003. *A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana*, *Revista Rio de Janeiro* n.10, maio – agosto;

Nuttal S., and Mbembe, A., 2008. Introduction: Afropolis, in Johannesburg the Elusive Metropolis, Nuttall S., Mbembe A.(eds). pp. 1-33. WITS University Press;

Ranci re, J., 2014. O Espectador Emancipado, Martinsfontes SP;

Sanchez, F., 2010. A reinven o das cidades para um mercado mundial. 2a. ed, Chapec : Argos, 2010;

Sibila Paula, 2002, O Homem Pos-Organico. Corpo, Subjetividade e tecnologias digitais, Relume Dumara, Rio de Janeiro pp23-41;

Simone A., 2004. *For The City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*, Duke University Press;

Taylor, B., 1993. From penitentiary to temple of art: early metaphors of improvement at the Millbank Tate, in: M. POINTON (Ed.) *Art Apart: Art Institutions and Ideology across England and North America*, pp. 9 – 32. Manchester: Manchester University Press;

Virilio, P., 2001. *La velocit  di liberazione Mimesis-Eterotopie Edizioni*, Milano;

Yudice, G., 2013. *A conveni ncia da Cultura: usos da cultura na era global*. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: UFMG.